

SAUSSURE E A DEFINIÇÃO DA LÍNGUA COMO OBJETO DE ESTUDOS

Rômulo da Silva Vargas Rodrigues¹

linguabrasileira@hotmail.com

RESUMO: Para se estabelecer como ciência, a lingüística necessitava definir seu objeto e obter um método que atendesse ao estudo desse objeto. O pesquisador suíço Ferdinand de Saussure, atento a essa necessidade e com uma enorme capacidade de ler e processar o conhecimento lingüístico da humanidade de então, final do século XIX e limiar do século XX, foi quem primeiro delimitou esse objeto, a língua, e municiou aos lingüistas de um método, o estruturalismo. O objetivo deste artigo é evidenciar a importância de se reler Saussure. Através da análise historiográfica e cronológica da obra *Curso de lingüística geral* (2002), de Saussure. Essa preocupação se justifica a partir da necessidade de constante reformulação e delimitação do objeto das investigações das ciências da linguagem. Devido ao grande desenvolvimento da disciplina lingüística no século passado, contando atualmente com uma infinidade de vertentes de pesquisa, faz-se necessário revisitar os teóricos que definiram as bases sobre as quais principiaram a se fazer tais pesquisas, com o intuito de que se possam adequar quanto à delimitação do objeto de investigação consoante o acúmulo de conhecimento obtido. Essa é uma discussão epistemológica que necessita ser desenvolvida a fim de se buscar uma compreensão mais exata do objeto e do método de estudo, visto que o avanço teórico já não permite ver da mesma maneira as ciências da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: língua; Saussure; epistemologia; lingüística.

INTRODUÇÃO

Todo o conhecimento sobre linguagem produzido no século XX teve sua origem em um ponto comum, a obra *Curso de lingüística Geral* surgida em 1916, na França. É possível fazer essa afirmação, não porque tal conhecimento se baseou no *Curso*, mas porque aquela obra deu início aos estudos científicos da linguagem proporcionando aos estudiosos tanto a definição do objeto, quanto um método. Fruto da dedicação dos discípulos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra que, após ministrar por três vezes o curso homônimo, faleceu em 1913. Seus discípulos

¹ Universidade Católica de Goiás – UCG.

recolheram diligentemente os cadernos de notas dos colegas e escreveram o livro que difundiu para o mundo a teoria saussuriana. Neste artigo o objeto de análise é basicamente essa obra.

Sob o prisma da historiografia lingüística, os pontos considerados fundamentais do pensamento saussuriano serão revisitados de forma sucinta, mas que possa de alguma forma demonstrar a importância da concepção de língua ali presente para o avanço das pesquisas sobre a língua e, em seguida, sobre muitos outros objetos da linguagem. A técnica historiográfica coloca a obra como objeto do estudo, por isso, o *Curso de lingüística geral* será frequentemente citado, mas somente se formalizará a referência em suas citações com mais de quatro linhas. Mesmo nas citações literais com menos de uma linha apenas o número da página será indicado entre parênteses. A referência a obras dos demais autores citados se fará normalmente.

Na esteira dessa análise se abordarão alguns dos problemas epistemológicos que envolvem os estudos de linguagem atualmente, tratando da importância de se redefinir posições no âmbito desses estudos. Problemas de nomenclatura, de posicionamento teórico, etc.

Outra questão importante que decorre dos aspectos tratados diz respeito à falta de divulgação do conhecimento acumulado sobre linguagem. Esse grande volume de conhecimento produzido por milhares de pesquisas ainda permanece circunscrito aos meios acadêmicos, para prejuízo da sociedade, que não tem acesso a ele nem por meio formal, na escola, nem por meio da imprensa. Essa desinformação pública a respeito dos avanços nas ciências da linguagem apenas favorece a manutenção da tradição gramatical e de seus fins.

Dessa forma é que se acredita ser de valor o presente artigo, contribuindo de alguma maneira para o debate epistemológico que se trava nos nossos dias acerca tanto da importância dos estudos da linguagem, quanto de sua cientificidade e organização².

² A respeito do problema da cientificidade, em sentido geral, verificar o texto de Granger (1994), quanto aos problemas próprios das ciências da linguagem, ver Weedwood (2002).

1. SAUSSURE

Nascido da nobreza européia aos 26 de novembro de 1857, no Castelo de Vufflens, localizado num distrito da cidade de Genebra, Suíça, Ferdinand de Saussure, filho de um importante naturalista, Henri Louis Frédéric de Saussure (1829-1905), cedo foi encaminhado aos estudos superiores em física e química na universidade local. Tradicionalmente, os homens da família se dedicavam às ciências naturais, mas Saussure, ainda com quatorze anos, já estudava línguas e já conhecia inglês, grego, alemão, francês e sânscrito. Durante o curso de física e química, dedicou-se informalmente ao estudo de gramática grega e latina. Como preferisse os estudos sobre linguagem, o filólogo Adolphe Pictet (1799-1875), amigo de sua família, orientou-o a seguir com esses estudos. Assim, transferiu-se para Berlim, onde estudou sânscrito, celta e indiano. Transferindo-se, posteriormente, para Leipzig, na Alemanha, a fim de completar seus estudos, estudando mais línguas européias.

Em 1877, com apenas 20 anos, Saussure publicou o livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Essa dissertação foi fruto de um importante estudo em lingüística comparativa sobre o primitivo sistema das vogais nas línguas indo-européias. Tendo-a apresentado à Sociedade Lingüística de Paris, obteve grande aceitação e passou a gozar de boa reputação diante dessa Sociedade, sendo recebido como membro. Apesar do sucesso, Saussure fez somente duas publicações em vida, esse trabalho e sua tese de doutorado. Doutorou-se em Leipzig, em 1880, com tese sobre o emprego do genitivo em sânscrito, *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*. Suas demais publicações foram todas póstumas, inclusive o *Cours de linguistique générale*, cuja primeira edição é de 1916.

Saussure retornou a Paris em 1881, depois de concluir sua formação na Alemanha. Tornou-se instrutor na *École des Hautes Études de Paris*, onde lecionou sânscrito, gótico e alto alemão. Assumiu a cátedra de lingüística e prosseguiu com as disciplinas de lingüística histórica e filologia indo-européia. Em 1891, transferiu-se para a Universidade de Genebra, onde permaneceu lecionando sânscrito, lingüística indo-européia e lingüística histórica em geral até 1906, quando foi alçado professor titular de lingüística e encarregado de ensinar lingüística geral. Foi nesse ponto de sua carreira, mais precisamente de 1907 a 1911, que Saussure ministrou os três cursos de lingüística geral, os quais o tornaram célebre no âmbito dos estudos da linguagem.

Como afirma Milani (2000), o estudioso era detentor de um arrojado método de trabalho, de uma enorme disposição física e mental e de uma extraordinária capacidade de acumular informações. Era igualmente muito disciplinado com a leitura, procurando sempre conhecer a fundo tudo o que era publicado acerca da linguagem em sua época. O seu livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* demonstra isso, pois se trata de um completo memorial sobre o sistema de vogais indo-européias, relatando tudo o que se havia escrito até então sobre o assunto. Seu método de estudos e de desenvolvimento teórico poderia ser classificado atualmente como um método historiográfico.

Saussure faleceu aos 22 de fevereiro de 1913, ainda professor da Universidade de Genebra, contando apenas com 55 anos de idade. Sua morte prematura pode ser relacionada facilmente ao estilo de vida que escolheu. Ele se dedicou integralmente ao trabalho em detrimento da família e da própria saúde.

1.1 A ASCENDÊNCIA INTELECTUAL DE SAUSSURE

Saussure viveu em um momento da história de considerável efervescência intelectual. As ciências naturais já se haviam estabelecido e algumas das ciências humanas também (cf. GRANGER, 1994). Havia, naturalmente, uma grande inquietação em sistematizar estudos que, até então, eram embasados em métodos meramente dedutivos. Encontrar um método que permitisse ao mesmo tempo o rigor e o estudo indutivo, com a definição precisa do objeto, elevaria os estudos da linguagem à categoria científica. Em vista disso, Saussure não se contentava em olhar para os fatos da linguagem com o mesmo olhar da tradição greco-romana que embasara, até aquele momento, grande parte pensamento a respeito. Saussure critica a ausência de cientificidade em todos esses estudos, sejam embasados na tradição greco-romana, sejam em impressões subjetivas, tomando-os por indignos de qualquer crédito. O mestre genebrino estava preocupado em observar a linguagem com rigor científico, o que o levou a definir o objeto língua, percebendo o seu caráter social e complexo.

Como intelectual bem situado entre os fatos relevantes para sua área de pesquisa em sua época, é de se supor que Saussure tenha lido no mínimo dois dos mais importantes nomes da sociologia, o alemão Karl Marx (1818-1883) e o francês Émile Durkheim (1858-1917). Claro que essa suposição não se baseia apenas na célebre prontidão saussuriana, mas, sobretudo, no fato de que, em sua obra, desponta muito do

pensamento social desses dois importantes ícones da história do conhecimento. Especialmente da obra de Durkheim, que já é um desenvolvimento historiográfico da obra de Marx, o conceito de *fato social* se faz evidente na obra saussuriana. Para ser um *fato social* o fenômeno teria de atender às características de *generalidade*, *exterioridade* e *coercitividade*, fazendo com que as pessoas sintam, pensem e façam aquilo que já é esperado delas pela sociedade. Esse conceito está na base do aspecto social da língua, e se traduz pelo conceito de *sistema* presente na obra saussuriana.

Como demonstrado na tese de Milani (2000), outras influências fundamentais à obra de Saussure seriam o alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835) e o norte-americano William Dwight Whitney (1827-1894), este último citado nominalmente pelos discípulos de Saussure no *Cours de linguistique générale*. Humboldt é reconhecido como o primeiro lingüista europeu a identificar a linguagem humana como um sistema governado por regras, e não simplesmente uma coleção de palavras e frases acompanhadas de significados. Whitney, por sua vez, estudou profundamente as alterações nas línguas, isto é, as mudanças que as línguas sofrem, com o intuito de compreender os problemas relacionados ao ensino e à aprendizagem de línguas³. A partir desses estudos, Whitney pôde determinar conceitos importantes que, mais tarde, viriam a ser trabalhados por Saussure, tais como o de que a língua seria uma instituição concreta, que pode ser aprendida e que é transmitida de uma geração para outra.

De fato, os estudos da linguagem já contavam com certo rigor, servindo-se diretamente da lógica positivista-empirista empregada nas ciências naturais, ou do comparatismo dos neogramáticos, que empregava o positivismo de maneira mais refinada e adequada a tais estudos. O então professor Saussure integrava esse grupo. Assim é que o catedrático, manifestamente, serviu-se do pensamento de vários outros estudiosos para desenvolver a teoria e o método que finalmente dariam à lingüística o *status quo* de ciência. O pensamento saussuriano, portanto, como nenhum outro, não é fruto do acaso, mas foi historicamente desenvolvido a partir de toda produção intelectual e teórica obtida sobre a linguagem até aqueles dias e, à qual, o estudioso teve acesso (MILANI, 2000). Entretanto, é preciso reconhecer que ele foi hábil e disciplinado o suficiente para, processando todo o conhecimento desenvolvido, dar-lhe uma forma comum ao definir o objeto da lingüística e elaborar um método suficientemente rigoroso.

³ Queira ver Whitney (1971; 1990).

Dentre os mais importantes lingüistas trabalhados por Saussure, além de Humboldt e Whitney, devem ser mencionados ainda, aqueles que, direta ou indiretamente participaram de sua formação acadêmica como filólogo e pesquisador. Franz Bopp (1791-1867), lingüista alemão, professor de filologia e sânscrito na Universidade de Berlim, foi um dos principais criadores da *Gramática Comparada* na qual estuda as relações entre o sânscrito e o germânico, o grego e o latim, demonstrando que essas relações poderiam ser objeto de uma ciência autônoma. Saussure admirou-se de que Bopp tratava do fato de que se pode estudar uma língua através de sua comparação com outras. Jacob Grimm (1785-1863), lingüista fundador dos estudos germânicos, publicou a *Gramática alemã*, de 1822 a 1936. Friedrich Max Müller (1823-1900), lingüista e mitólogo alemão. Aluno de Franz Bopp, Müller dedicou-se ao conhecimento dos costumes, línguas e civilização dos povos orientais, trabalhou com história das religiões e com mitologia comparada, sendo considerado o criador da disciplina religião comparada. Georg Curtius (1820-1885) trabalhou em conjunto com Müller no estabelecimento da mitologia comparada, foi professor em Leipzig.

August Schleicher (1821-1868), lingüista alemão, estudou teologia, filosofia e línguas orientais na Universidade de Leipzig e em Tübingen, tendo se especializado em lingüística na Universidade de Bonn. Começou sua carreira estudando idiomas clássicos e eslavos. Influenciado pelo pensamento hegeliano e pelo darwinismo, formou a teoria de que um idioma é um organismo, com períodos de desenvolvimento, maturidade e declínio. Inventou um sistema de classificação de idiomas muito semelhante a uma taxionomia de botânica, localizando grupos de idiomas relacionados e os organizando em uma árvore genealógica. O modelo dele, chamado *Stammbaumtheorie* (teoria da árvore-familiar), foi seu principal desenvolvimento no estudo de línguas indo-européias. Hermann Osthoff (1847-1909) estudou filologia clássica e germânica, sânscrito e lingüística comparativa em Berlim, em Tübingen e em Bonn, onde se graduou. Adquiriu livre docência pela Universidade de Leipzig. Em 1877 se tornou o professor extraordinário de lingüísticas comparativas e sânscrito em Heidelberg. Junto com Karl Brugmann e August Leskien, Osthoff era um dos inspiradores mais influentes do movimento dos Neogramáticos. Ele ligou seu nome a uma lei fonética (lei de Osthoff) que pode ser verificada em algumas línguas indo-européias (entre as quais, o latim e o grego) em que uma vogal longa ante uma nasal ou consoante líquida tende a se abreviar. Karl Brugmann (1848-1919), professor de sânscrito e lingüística comparativa, também pertenceu à escola de neogramáticos que afirmou a inviolabilidade de leis fonéticas e

aderiu a uma metodologia rígida de pesquisa. Brugmann fez mais de 400 publicações, ademais, foi parceiro de pesquisas de Osthoff, orientado por Curtius e orientador de Saussure (MILANI, 2000).

1.2 EM BUSCA DE CIENTIFICIDADE

Saussure dedicou toda a sua vida à produção de uma obra que implantasse nos estudos lingüísticos um modelo metodológico capaz de imprimir a tais estudos o rigor científico almejado. A precisão na delimitação do objeto dessa ciência é parte fundamental desse processo de constituição. É exatamente por isso que ele é considerado o lingüista cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da lingüística científica e estabeleceram a base do pensamento sobre a linguagem no século XX. Seja ao desenvolver o pensamento saussuriano, seja ao questioná-lo, ou ambos, a produção teórica sobre língua e linguagem durante todo o século passado esteve relacionada, de alguma maneira, à obra do lingüista genebrino.

O esforço do estudioso culminou nos três cursos de lingüística geral ministrados na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911. Desses cursos se produziu, após sua morte, a obra que o celebrou, o *Cours de linguistique générale*, publicado pela primeira vez em 1916. Seus discípulos, os suíços Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), recolhendo os cadernos dos demais colegas, compilaram cuidadosamente o pensamento do mestre, a partir das anotações das aulas e de poucas notas pessoais de Saussure a que tiveram acesso, com o objetivo de imprimir ao livro um caráter mais próximo do que entendiam ser esse pensamento. Dessa maneira é que entregaram ao mundo uma obra bem mais conclusiva do que aparentemente fora apresentada a eles nos três cursos, como, aliás, eles mesmos afirmam na introdução do livro:

Foi-nos sugerido que reproduzíssemos fielmente certos trechos particularmente originais; tal idéia nos agradou, a princípio, mas logo se evidenciou que prejudicaria o pensamento de nosso mestre se apresentássemos apenas fragmentos de uma construção cujo valor só aparece no conjunto. Decidimo-nos por uma solução mais audaciosa, mas também, acreditamos, mais racional: tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure. Tratava-se, pois, de uma recriação, tanto mais árdua quanto devia ser inteiramente objetiva; em cada ponto, penetrante até o fundo de cada pensamento específico, cumpria, à luz do sistema todo, tentar ver tal pensamento em sua forma definitiva, isentando das variações, das flutuações inerentes à lição falada, depois encaixá-lo em seu meio natural, apresentando-lhe todas as partes numa ordem conforme a intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada

que manifestada (SAUSSURE, 2002, p. 3; prefácio à 1ª ed., assinado por Bally e Sechehaye).

Essa decisão dos discípulos de Saussure que, embora se autodenominem “editores”, de fato tomaram para si a responsabilidade de escrever o *Cours de linguistique générale*, custou-lhes duras críticas. Algumas outras obras foram publicadas na tentativa de *reparar* essa *liberdade* tomada pelos discípulos de Saussure. As mais importantes são duas edições críticas de cunho bem diverso, a de Rudolf Engler (1930–2003) e a de Tullio de Mauro (1932-*). Engler compara todos os manuscritos de Saussure com os cadernos utilizados por Bally e Sechehaye e, ainda, com os cadernos aos quais os editores não tiveram acesso, a saber, os de Robert Godel (1902–1984) e os de Emile Constantin. Essa edição crítica tem formato grande, dispondo todos os textos disponíveis em seis colunas paralelas. Na coluna um, o texto do Curso; nas colunas de 2 a 5, os textos dos cadernos de alunos dos três cursos ministrados; a sexta coluna contém as anotações pessoais de Saussure. Já a edição crítica preparada por Tullio de Mauro, traz o texto integral do Curso, comentado ponto a ponto pelo eminente lingüista italiano.

Toda essa preocupação com a autenticidade da proposição do *Curso* por Bally e Sechehaye se justifica do ponto de vista histórico, mas o fato de que o *Curso* redigido pelos dois discípulos foi o grande responsável pela difusão das idéias saussurianas para o mundo é hoje inegável. Tal obra divulga, assim, os conceitos basilares de uma nova ciência, a *lingüística*. Define o objeto dessa ciência, a *língua*. Isola, ou distingue esse objeto dos demais fatos da linguagem. Caracteriza *linguagem* em oposição à *língua*. Caracteriza a *língua* em oposição à *fala*, à *escrita* e a outros *códigos de linguagem*. Ademais, ao estabelecer toda essa abstração teórica, suscita um método capaz de imprimir rigor aos estudos lingüísticos, até então orientados pela subjetividade ou pela inadequação do método empregado nas ciências naturais, a saber, um método adequado aos estudos sociais, o *estruturalismo*. Lançadas estavam as bases da cientificidade para os estudos lingüísticos, e tais estudos, então, iriam se desenvolver no século surgente de maneira jamais vista na história.

2. A LÍNGUA PARA SAUSSURE

Conforme o pensamento positivista em que se baseou a instituição das ciências no século XVIII, a definição do objeto teria caráter elementar para que se desenvolvesse qualquer ciência que fosse. Nas ciências naturais o objeto é facilmente percebido pelos sentidos, e para tanto, o positivismo lógico e empirista já era suficiente. Para estudar os fatos de linguagem, porém, não bastam os sentidos para que se determine com precisão o objeto. Percebendo esse problema, Saussure se dispõe a uma longa análise teórico-abstrata dos fatos de linguagem com o intuito determinado de definir um objeto que viabilizasse o estudo científico desses fatos. É nesse percurso que, através da conceituação, conseguiu isolar, isto é, distinguir o objeto *língua* dos demais fatos de linguagem, dando início a uma enorme profusão de estudos lingüísticos.

Para Saussure, a língua não é nada mais que um sistema de valores puros. Descartando toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, o lingüista apresenta sua teoria, enfocando a língua como um *fato social*, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder. Para perceber que a língua não é senão um sistema de valores, o lingüista parte da análise de dois de seus aspectos básicos, as idéias e os sons.

O que Saussure classifica como sistema de valores é o fato social que, estabelecido por via de acordo social, passa a representar grandezas e auxiliar na gestão de algum aspecto das interações de uma sociedade. Para explicar melhor essa idéia, Saussure utiliza uma comparação com o sistema financeiro, em que os valores são representados por papel moeda ou por moedas metálicas. Cada nota de papel representa uma grandeza muito maior que o seu próprio valor material. Além disso, o valor de cada nota é dado pelo que ela representa junto às demais notas do mesmo sistema e, também, pelo que ela pode comprar no mercado. Assim, a nota de dez reais teria seu valor fixado pela comparação com as notas de dois, cinco, vinte reais etc. e, ainda, concomitantemente, pelo que se pode comprar com ela.

Dessa maneira, Saussure compara o aspecto material da língua ao aspecto material do sistema financeiro. Os fonemas seriam equivalentes ao papel e à tinta com que se fazem as notas de dinheiro. O valor atribuído às notas, por sua vez, seria comparável ao significado dos signos lingüísticos. O processo de formação dos signos,

sob o aspecto social, seria, portanto, exatamente o mesmo processo utilizado no sistema financeiro. Isso porque tanto um como o outro são *sistemas de valores*.

O pensamento humano, conforme afirma o professor genebrino, não passaria de uma massa amorfa e indistinta. Por outro lado, os sons de que se serve a língua tampouco se encontram organizados de alguma forma. Porém, a língua seria o intermediário entre o pensamento e os sons, possibilitando, assim, que entre a massa amorfa do pensamento humano e a profusão indeterminada de sons, surja uma espécie de faixa de organização à qual se chamaria *língua*. Sendo assim, não haveria “nem materialização do pensamento, nem espiritualização do som”, afirma (p. 131), mas, tão somente a constituição da língua entre duas massas amorfas.

Segundo o lingüista, a língua pode ser vista como o domínio das articulações, pois, nela, as idéias se fixam a sons, formando *articulus*, isto é, os membros da língua. Esses elementos se articulam entre si, compondo inúmeras combinações, as articulações. Saussure chama atenção para o fato de que essas combinações produzem formas e não substâncias. A substância fônica considerada estritamente, não pertence ao domínio da língua, mas é tomada por ela, de forma arbitrária e associada a alguma idéia. Assim, o estudioso chega a dois aspectos do valor lingüístico: o aspecto conceitual e o aspecto material.

Quanto ao aspecto conceitual do valor lingüístico, Saussure analisa que o conceito dos signos é associado ao significante não por um processo unitário, isolado, signo por signo, todavia, ao contrário, a língua tem que ser considerada em seu todo para que esse processo de associação possa ser compreendido. O significado, ainda que seja a contraparte do significante no interior do signo, não lhe seria atribuído diretamente, mas pela oposição de um signo aos demais. Como afirma o lingüista:

De um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. (...) A língua [é] um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (SAUSSURE, 2002, p. 133).

Portanto, para o lingüista, o significado de um signo é atribuído ao seu significante pela presença de outros signos, que vão determinar, por oposição e exclusão, seu significado. Assim, cada signo tem seu próprio significado justamente porque convive com os demais signos da língua. Ilustrando esse fato, o lingüista cita os sinônimos *recear*, *temer* e *ter medo*, que só teriam valor próprio pela oposição entre si.

Destarte, se a língua estivesse encarregada de descrever o mundo, representando conceitos dados de antemão, argumenta o versado lingüista, haveria correspondentes exatos entre os termos de cada língua. Porém, é fácil perceber que as línguas têm diferentes formas de nomear aspectos muitas vezes idênticos da realidade cotidiana. Um dos exemplos de Saussure é o termo *sheep*, do inglês. Esse termo equivale em significado, porém, não em valor, aos termos *carneiro*, do português e *mouton*, do francês. Ainda que os três sejam capazes de significar o animal, em inglês se diz *mutton* para significar a porção de carne de carneiro já preparada para servir como alimento. Assim, o valor do termo inglês difere no interior da língua, não sendo, portanto, equivalente aos termos francês e português.

Já quanto ao aspecto material do valor lingüístico, o lingüista afirma que não é o som em si que importa, mas as diferenças que permitem distinguir um termo de outro. No caso do aspecto material, o valor está presente pela oposição negativa e relativa dos fonemas. A faixa de *liberdade* para a produção de cada fonema é determinada pelo seu valor. Em alguns casos, as línguas permitem muita liberdade para a produção, em outros, não. Quando a alteração na produção pode afetar o valor do termo, a língua não permitirá sua produção indiscriminada. Saussure exemplifica com o francês *chaise* e *chaire*. Mas é possível pensar no fonema do português representado pela letra *r*, se em posição inicial, pode ser produzido com bastante liberdade, gutural, alveolar ou linguodental. Porém, se em posição intermediária, sua produção fica mais restrita, pois pode ocasionar alteração de valor e, logo, de significado, como em *caro* e *carro*.

Saussure esclarece que, no que tange ao significado e ao significante, na língua só existem diferenças. Por outro lado, o signo considerado em sua totalidade seria algo positivo, uma vez que comparado a outro signo não apresentaria *diferenças*, mas, apenas, *oposição*:

Um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de idéias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição lingüística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças (SAUSSURE, 2002, p. 139-140).

Portanto, enquanto a imagem acústica e o conceito são negativos em sua constituição, o signo, uma vez instituído por esse sistema negativo, comparativo e

restritivo, paradoxalmente se tornaria um elemento positivo. O conceito, por conseguinte, não teria nada de semelhante a uma figuração ou a uma idéia positiva do referente, mas seria estabelecido por um processo psíquico, próprio dos sistemas representativos, ou *sistemas de valor*. O conceito seria, portanto, associado a uma imagem acústica igualmente estabelecida por um processo de valoração. Esse conceito não deve ser confundido com o referente, que diz respeito à função que pode ter um signo lingüístico de referir objetos do mundo. Como explicam Ogden & Richards (1972), capacidade referencial é um aspecto do processo lingüístico capaz de localizar objetos tanto do mundo real, quanto de um mundo imaginário e até mesmo, da própria linguagem.

Ao se utilizar dos signos de uma língua, inevitavelmente se os acionam em meio a esse processo de atribuição de valores. Porém, é possível referir qualquer signo observando-o isoladamente ou comparando-o com outros, enquanto que o mesmo não pode ser feito apenas com o significante ou o significado. É impossível para um falante de qualquer idioma fazer referência a uma imagem acústica ou a um conceito a menos que faça isso através de uma abstração, logo, reflexivamente, pois, cada vez que se pronuncia qualquer signo lingüístico que seja, se o pronuncia em sua integralidade, o significante associado ao significado. Radicalmente, poder-se-ia dizer que só se pronuncia o significante. Mas é exatamente esse o ponto, o fato de que o significante, no processo psíquico de uso da língua, sempre traz atrelado a si o significado. Assim considerado o signo, tendo em sua formação aspectos negativos e, em sua completude, aspecto positivo, tem-se que, ao serem empregados na construção de frases, tanto seu aspecto positivo, quanto seus aspectos negativos, de fato deverão estar presentes, atuando no funcionamento da língua.

2.1 UMA LÍNGUA ESTABELECIDADA EM SIGNOS

Ponto basilar na teoria saussuriana, sua definição rigorosa de *signo lingüístico*, foi, certamente, um dos mais importantes aspectos para a construção epistemológica da lingüística como ciência. Como dito, para Saussure, o signo lingüístico é fruto da associação entre uma *imagem acústica* – o chamado *significante* – e um *conceito* – chamado *significado*. A imagem acústica seria uma espécie de *representação psíquica dos fonemas* de que se compõem o signo. Enquanto o conceito, longe de ser uma imagem do que quer que possa ser referido pela língua, está relacionado ao processo de

construção do significado no pensamento. Essas duas faces do signo, uma vez associadas, compõem sua integralidade.

É pela imagem acústica que se faz o reconhecimento muito rapidamente dos signos da língua, inicialmente, pelo sentido da audição. Isto estaria relacionado ao seu *caráter linear*. Essa imagem acústica seria associada arbitrariamente a um conceito. Tal associação não se trata de, simplesmente, dar “nome” aos objetos e seres, se assim fosse, a língua seria apenas um conjunto de nomes. Porém, e isto sim, trata-se de associar, arbitrariamente, uma dada seqüência sonora a um conceito. Esse conceito é que poderá remeter, ou, mais precisamente, *referir* algum objeto.

Tal associação é classificada como *arbitrária* por Saussure, por não haver nenhuma relação entre a imagem acústica e o conceito a ela associado. Isso tornaria o signo lingüístico especialmente resistente, pois, não havendo relação entre a imagem acústica e o conceito, não há a necessidade de que essas duas faces se adaptem ou, mesmo, que se adêqüem, mas, apenas que se associem. A percepção dessa resistência levou o estudioso à concepção dos conceitos aparentemente antagônicos de mutabilidade e imutabilidade do signo.

Ora, se o signo lingüístico é fruto da *associação de imagem acústica e conceito*, é preciso analisar e discutir cada um desses elementos (a imagem acústica, o conceito e a própria associação entre eles) para que se perceba o alcance do rigor científico impresso por Saussure a este quesito básico, o signo.

Parte essencial do signo, a *imagem acústica*, no desenvolvimento da argumentação do *Curso de lingüística geral*, é primeiramente assim designada com um intuito que se revela somente na medida em que se amplia tal argumentação. Esse termo encerra dois elementos distintos de percepção sensorial, pois é uma construção sinestésica que se apresenta fundamental para a compreensão do próprio conceito de *significante*. As *imagens* são percebidas preferencialmente pelo sentido da visão, enquanto os elementos *acústicos*, pelo sentido da audição. Dessa maneira, afirmar, como o faz Saussure (p. 80), que as *imagens acústicas* seriam impressas na memória, dá a entender que esse processo mnemônico de armazenamento da língua necessitaria de que tais seqüências sonoras ficassem, por assim dizer, *gravadas na memória de forma visível*.

Em outras palavras, é como se o falante formasse uma *imagem do som do signo* em sua memória. Seria essa *imagem do som do signo* que estaria associada a um conceito, e seria igualmente potente para evocar esse conceito tão logo se lhe escutasse

a impressão nos ouvidos. Portanto, o termo *imagem acústica* não fora cunhado ao acaso, mas cuidadosamente elaborado para sintetizar o processo mnemônico de armazenamento e recuperação dos fatos da língua. No desenvolvimento do *Curso de lingüística geral*, posteriormente, a *imagem acústica* é chamada por Saussure de *significante*, pois, é uma das partes essenciais do signo lingüístico que, juntamente com o significado compõe a integridade desse signo e, juntamente com o significado e o próprio signo, exerce função primordial no funcionamento da língua.

Sobre a imagem acústica, cumpre notar ainda ser de caráter *linear*, ou seja, depende do tempo para ser realizada, visto que é preciso pronunciar cada fonema por vez a fim de efetua-la. Essa imagem é assim combinada numa seqüência fônica temporal linear. Tal característica do significante será responsável por um dos aspectos de funcionamento da língua chamado por Saussure de *relações sintagmáticas*.

Outra parte essencial do signo lingüístico é o *conceito*. Evocado pela imagem acústica, o conceito é um elemento da ordem das abstrações. Assim, a imagem acústica, ou significante, não faz referência direta a um objeto do mundo, mas evoca um conceito ao qual já está associada. Esse conceito não deve ser confundido com, por exemplo, uma imagem mental do quer que possa ser referido. Ao escutar um significante qualquer o falante da língua não evoca na memória uma imagem daquilo que o signo refere, mas, apenas um conceito. Esse conceito seria, portanto, uma abstração. Se, por exemplo, um falante escuta o signo ‘árvore’ não vai imaginar uma árvore, ou seja, esse signo não o fará ver em sua memória a imagem de uma árvore. Contudo, evocará o conceito “árvore”, isto é, o conceito de árvore. Esse conceito não é uma entidade natural, ou pelo menos, não é a árvore que se pode encontrar na natureza, nem sequer uma imagem dela, mas é um conceito lingüístico, lingüisticamente constituído e da mesma maneira associado ao significante. Esse *conceito* é o *significado*.

Para Saussure, o signo lingüístico se constitui através da *associação* de um *significado* a um *significante*, logo, o signo seria a oposição de três noções: significante, significado e signo – este último designando a totalidade das suas relações constitutivas. Ambos os elementos de que se compõe o signo seriam de ordem lingüística, unidos em nosso cérebro por um vínculo associativo. Tal vínculo se daria de forma arbitrária. Ao fazer essa afirmação, Saussure pretende chamar atenção para o fato de que nenhuma relação existe entre a seqüência sonora que compõe o significante e o significado que lhe é associado. De fato, exatamente qualquer seqüência sonora poderia ser associada a

qualquer conceito. A essa característica da língua Saussure chama *a arbitrariedade do signo*, considerando como arbitrário o próprio signo lingüístico.

A partir do princípio da arbitrariedade do signo lingüístico presente no caráter de associação entre as duas partes que o compoariam, Saussure aponta algumas conseqüências para a vida da língua. Uma delas seria a grande resistência do signo às mudanças, o que, por sua vez, levaria ao aspecto de *imutabilidade* da língua. Por outro lado, haveria o fato de que o signo sofreria alterações se exposto (como inevitavelmente estará) à ação concomitante do próprio tempo e da massa de falantes. Apesar de aparentemente contraditório, Saussure demonstra que, sem a ação coincidente dessas duas forças, o signo não muda, não mudando, portanto, a língua.

A resistência do signo seria, pois, dada pelo seu caráter arbitrário de formação, o que leva a uma associação que não pode ser questionada em si mesma, visto que é arbitrária. Além do mais, como afirma o mestre genebrino, o falante já encontra essas associações prontas na língua. Todo usuário de uma língua vai adquirindo essas associações, ou seja, os signos lingüísticos, ao longo de sua vida, porém, não lhe cabe questionar porque se diz *cachorro* ou *camionete*, pois antes dele já se dizia *cachorro* e *camionete*. Além do mais, esse questionamento jamais resultaria em qualquer alteração do signo e, tão somente, pode levar o falante a obter um maior conhecimento da história da língua.

Dessa maneira, a ação individual de um falante nenhuma força poderia exercer sobre a língua. Mesmo a ação coletiva de um grupo não poderia instantaneamente provocar qualquer mudança em qualquer signo e, por conseguinte, na língua. Eis porque o caráter de *imutabilidade* está associado ao aspecto de *durabilidade* impresso ao signo pela associação arbitrária.

Mas há outros aspectos elencados por Saussure para assegurar a imutabilidade da língua: a infinidade de signos necessários para constituir uma língua, o caráter complexo do sistema e a resistência apresentada pela própria coletividade a toda novidade ou alteração. A língua é, talvez, o mais importante instrumento de interação interpessoal de que qualquer comunidade pode dispor, é natural que não seja de interesse dos falantes fazer alterações nesse instrumento, pois isso poderia comprometer todas as suas relações. Por outro lado, para que se pudesse ao menos tentar provocar essas alterações seria necessário conhecer profundamente o sistema, e ele é, por demais, complexo. Ainda que todos os falantes se utilizem desse sistema extremamente complexo, conhecendo seus aspectos funcionais, isto é, dominando sua utilização para a

interação com seus semelhantes, naturalmente não têm consciência de sua complexidade, pois não necessitam refletir sobre sua forma de operação e funcionamento para que dele possam fazer uso. Esse, aliás, é o próprio motivo de sua enorme praticidade.

Saussure entende que, no desenvolvimento de uma língua, ela poderá sofrer alterações se exposta a duas forças concomitantemente, a massa de falantes e o tempo. Ora, se com *tempo* o mestre se refere a muitas gerações, com *massa de falantes* certamente não alude somente aos falantes da língua num dado momento, mas, praticamente, a todos os falantes que se serviram daquele idioma no período em que passou por essa ou aquela mudança. Isso se diz visto que Saussure se referia, exatamente, à ação dessa massa de falantes no tempo, o que não poderia se tratar de um pequeno período de tempo. Dessa maneira, uma *massa de falantes* seria composta por várias gerações, sendo que algumas dessas gerações nem poderiam conviver entre si, visto que ao surgirem as mais recentes, as mais antigas já deveriam ter desaparecido. Como o estudioso não define *períodos de tempo*, falando apenas em “gerações”, é possível depreender que as alterações na língua são da ordem de séculos para se realizar. Ou, pelo menos, poucas mudanças poderiam ocorrer em menos de cem anos. É preciso notar que Saussure não considera mudança nenhuma alteração que não permaneça na língua. Assim, gírias ou expressões que surgindo no uso desapareçam rapidamente não poderiam ser consideradas, consoante a teoria saussuriana, como sendo alterações na língua.

É perceptível, dessa maneira, que todo esse sistema dependente da associação arbitrária afasta qualquer possibilidade da língua ser simplesmente um conjunto de nomes, visto ser o processo de associação bastante mais complexo do que a pura e simples nomeação.

2.2 O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA NA CONCEPÇÃO SAUSSURIANA

A questão dos valores levantada por Saussure acerca da língua implica, de fato, em todos os seus aspectos. Se o signo se constitui por um processo de oposição negativa, principiando pelos significantes, prosseguindo com os significados, uma vez constituídos, a língua prossegue estabelecendo os parâmetros para sua oposição na seqüência da fala. Aliás, falar seria justamente opor signos, construindo o discurso a partir das relações de oposição previamente instituídas pela língua. É certo que no

Curso de lingüística geral Saussure opõe a língua à fala, considerando a língua como social e psíquica, enquanto a fala seria individual. Porém, ele mesmo reconhece que a língua não se realiza senão na fala. Além do mais, a fala é feita por meio de frases e essas são aspectos totalmente sistemáticos, ainda que o falante possa ter liberdade para escolher os termos com que irá compor seu enunciado, não pode organizar esse enunciado fora das normas da língua, responsáveis por fazer com que o arranjo faça sentido. Assim, a fala, ainda que individual, se realiza igualmente na estrutura. No momento em que decide falar, o usuário da língua irá buscar as palavras com que pretende formar seu discurso, mas, também necessitará estabelecer as relações que visam organizar essas palavras em sentenças. Essa ordem em si mesma é significativa em muitas línguas e grandemente responsável pela formação do sentido, pois a simples inversão de termos numa sentença pode alterar drasticamente o sentido, uma vez que se alteram seus valores. Porém, a escolha das palavras também é uma operação de caráter lingüístico. Assim, todos esses aspectos não são outra coisa que não o caráter negativo da língua se estendendo, naturalmente, para organizar a fala.

Em sua análise, Saussure aponta dois eixos através dos quais a língua efetuará suas relações visando o sentido: o eixo das relações sintagmáticas e o eixo das relações associativas. As relações sintagmáticas seriam as responsáveis por todos os aspectos lineares, desde o seqüenciamento dos fonemas até os aspectos sintáticos de ordenação das frases. Já as relações paradigmáticas operam, a partir das associações, as escolhas possíveis para compor o enunciado, determinando aspectos tais como o tempo, o gênero, e todos os paradigmas que pode haver na língua, inclusive escolhas lexicais.

As relações sintagmáticas, de ordem linear e temporal, formam todos os sintagmas, sempre pela oposição de um elemento a outro. Visto que o signo se realiza a partir de uma seqüência fônica temporal, todo conjunto de realizações da língua ocorre por meio de seqüências fônicas temporais. Para Saussure, na língua só existem diferenças, ou seja, a língua seria um sistema consistido na oposição de elementos, no qual a presença de um elemento exclui todos os outros. Assim, na língua se opõem os fonemas para formar morfemas, morfemas para formar vocábulos e, finalmente, vocábulos para formar frases.

As outras relações se constituem por associações ou analogias, e se caracterizam pela operação dos elementos paradigmáticos disponíveis na língua. As relações paradigmáticas são de ordem mnêmica, a mente do falante associa facilmente termos que se assemelham de alguma maneira. Saussure afirma que o falante faria essas

associações mais ou menos livremente, por analogia a um ou mais aspectos, sejam eles fonéticos, semânticos, sintáticos etc. Um exemplo dessa ordem paradigmática seriam as possibilidades de tempos e modos verbais.

Saussure estaria entre os primeiros lingüistas a olhar cientificamente para o aspecto da seleção de elementos lingüísticos no uso cotidiano da língua. Essas opções de escolha, tanto as de ordem sintagmática, como as paradigmáticas, seriam as responsáveis pelo funcionamento da língua como um sistema de valores. Ou seja, ao falar o usuário lida com todas essas relações, pois, do ponto de vista operacional, seria nisso mesmo que consistiria sua utilização. O cientista genebrino parece explicar com isso, não apenas as seleções terminológicas, mas todas as relações significativas. Uma vez que, para sua concepção de língua, o fator valor lingüístico é essencial, é preciso analisar cada um desses eixos de relações.

2.3 OS DOIS EIXOS DE ESTRUTURAÇÃO DA LÍNGUA

Saussure compara o sintagma ao paradigma, dizendo que o primeiro tem ordem e número limitado de elementos, o segundo, inversamente, não tem nem ordem nem número limitado:

Enquanto um sintagma suscita em seguida a idéia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos *desej-oso*, *calor-oso*, *medr-oso*, etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem que aparecerão. Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida (SAUSSURE, 2002, p. 146).

O eixo sintagmático equivale ao enunciado, pois consiste na construção utilizada para enunciar. Portanto, não deve haver nenhuma dificuldade em compreender como essas relações ditas sintagmáticas estariam na base do funcionamento da língua. Pode-se, inclusive, descrever a ordem dessas relações, estabelecendo os aspectos regulares das associações sintagmáticas, desde a formação dos morfemas, dos termos, até aquelas que se estabelecem para construir enunciados coesos e coerentes. Porém, talvez não seja da mesma maneira fácil que se pode perceber em que as relações paradigmáticas atuariam no desempenho da língua. No texto saussuriano isso fica mais claro quando se esclarece esse funcionamento mesmo.

A questão é que, o falante, primeiramente, instauraria um processo de associação, como que buscando as palavras para formar o enunciado, isto é, o eixo sintagmático. Ou seja, esse eixo chamado sintagmático seria resultado da aplicação das relações sintagmáticas sobre o eixo paradigmático, já formado na memória do falante. Assim, para dizer “eu fui ao Rio de Janeiro”, o falante inicialmente evocaria uma infinidade de séries mnemônicas virtuais, isto é, uma infinidade de associações de palavras em sua mente. Em seguida, e à medida que fosse selecionando as palavras capazes de organizar seu pensamento em um discurso coerente, o falante aplicaria sobre essas escolhas as relações de ordem sintagmática, auferindo ao seu discurso, a coesão necessária para que seu interlocutor venha a lhe compreender.

Como se pode notar, o processo de construção do enunciado não seria nada além da aplicação concomitante desses dois eixos de relações da língua. Sem escolhas, não se formaria o discurso, da mesma maneira, sem ordenação não se estabeleceria a sintaxe necessária para que o falante pudesse fazer-se entendido. Um e outro seriam, portanto, necessários, fundamentais e mesmo indispensáveis para o funcionamento da língua.

Por outro lado, o interlocutor ao captar o enunciado, aplicaria sobre esse enunciado percebido o mesmo procedimento para que venha a compreender o que foi dito. Assim, o significado será igualmente um eixo sintagmático. Se esse novo outro eixo sintagmático irá ou não ser idêntico ao sintagma que fora pronunciado, isso dependerá de inúmeros fatores. Porém, ainda que chegue a um sintagma diferente do que foi pronunciado, o ouvinte dependerá inescapavelmente do mesmo processo de composição, nesse caso, de recomposição, que fora utilizado pelo falante.

Esse processo de composição e de recomposição do enunciado (composição para construir o enunciado, recomposição para dar-lhe sentido) só seria possível devido ao caráter social da língua. Essa característica da língua deve implicar que ela seja conhecida por todos os membros de uma sociedade, de maneira que todos detenham a grande maioria dos signos utilizados, valorizados pelo mesmo processo, de sorte que cada signo tenha sido constituído pelo mesmo significado e significante. Isso garante a possibilidade de interação social pela linguagem verbal. Assim sendo, o processo de funcionamento da língua resultará em construções muito semelhantes de um falante para outro, o que possibilitará se não o entendimento mútuo, pelo menos uma condição mínima para que cada membro daquela sociedade possa conhecer o pensamento daqueles que lhe estejam mais próximos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Saussure divulgado por seus discípulos correu o mundo e fomentou o mais amplo desenvolvimento nos estudos dos fatos de linguagem jamais visto em toda a história. A definição precisa do objeto *língua* deu lugar a um intenso debate que, por concordar ou por discordar, movimentou o campo das ciências humanas e produziu mais conhecimento acerca da linguagem no último século do que nos mais de dois mil anos de história da tradição gramatical. É bem certo que esse conhecimento é ainda muito pouco e muito mal divulgado. À exceção do trabalho acadêmico, não há preocupação com a divulgação científica de tais estudos para o conhecimento público o que o mantém restrito aos acadêmicos com prejuízo, sobretudo, do ensino. Professores recém formados não se sentem preparados para confrontar a tradição defendida pela sociedade e acabam cedendo aos seus ditames, retomando o ensino tradicional de língua materna. Apesar de que isso pode ser facilmente observado no Brasil (cf. NEVES, 1994), a tradição gramatical greco-latina parece que se mantém firme em todo o ocidente.

Após um século de pesquisas científicas acerca da linguagem, o debate sobre a epistemologia desses estudos volta a freqüentar insistentemente os meios acadêmicos. Isso se justifica pela premente inevitabilidade de se reorganizarem tais pesquisas, visto que seu desenvolvimento levou, dos estudos de um objeto, a uma pequena gama de outros objetos próprios da linguagem. Essa gama de objetos faz questionar, por exemplo, se nos encontramos em uma ciência ou em várias ciências da linguagem. Afinal, a lingüística seria encarregada de estudar a língua, enquanto a sociolingüística, que se desenvolveu dos estudos da língua, seria encarregada de estudar as diferenças sócio-regionais da fala; a psicolingüística, o funcionamento cognitivo da língua nos sujeitos, enquanto o processamento e a armazenagem da linguagem no cérebro é função da neurolingüística; note que isso demonstra somente uma pequena parte desses estudos (cf. WEEDWOOD, 2002).

Saussure chama de lingüística interna aos estudos da língua e de lingüística externa aos estudos da fala, da literatura, da escrita. Entretanto, é usual chamar de lingüística a todos os estudos pertinentes à linguagem, distinguindo-se destes apenas os estudos sobre literatura. Não obstante, a própria definição de linguagem encontrada em Saussure diverge das definições encontradas em outros autores. Tudo isso apenas demonstra a premência dos debates epistemológicos.

Além do mais, houve e há os riscos de se desenvolverem esses estudos sem maior preocupação, seja com a lexicalização de termos específicos da área, seja com o fato de que teorias diversas não podem ser inofensivamente tratadas como sendo da mesma natureza. Para ilustrar o risco de se mesclarem teorias, basta observar as diferentes concepções de língua entre, por exemplo, as teorias de cunho estruturalista e pós-estruturalistas e as teorias gerativistas. Apesar de que tratam da língua e podem ser classificadas como lingüísticas, entretanto, essas duas vertentes concebem a língua de forma distinta. Nos estudos estruturalistas, língua é um fato social, já nos estudos gerativistas, língua é um fato biológico. Mesmo que o gerativismo tenha se servido do método estruturalista de pesquisa, a exemplo de várias outras ciências humanas, como a história e a psicologia, por exemplo, o gerativismo antagoniza com o estruturalismo lingüístico ao propor uma concepção de língua biológica em oposição à concepção social. Tal preocupação com a distinção teórica não se trata nem de excesso de zelo nem de preciosismo teórico, mas, precisamente, de pensar as conseqüências epistemológicas de uma pequena confusão, que seja, na base teórica de qualquer pesquisa, quanto às suas implicações nos resultados dessa pesquisa, se não ocasionarão, por exemplo, o comprometimento de tais resultados.

3.1 CONHECIMENTO E DIVULGAÇÃO

Um dos problemas mais atuais de todas as ciências diz respeito à sua divulgação para o público leigo. Toda ciência se justifica socialmente por gerar conhecimento que, em tese, deve promover, de alguma forma, a melhoria nas condições de vida de toda a humanidade. Esse tema encontra-se muito ausente nos estudos sobre linguagem. Visto que, em ciências não se pode considerar o pressuposto por posto, seria de imaginar que sua ausência não pressupõe, de forma alguma, que haja preocupação com esse problema. No entanto, a falta de divulgação das pesquisas em linguagem para o público leigo, mantém como senso-comum, em nossa sociedade, a tradição gramatical como única forma de se ensinar e aprender língua materna.

Apesar de estudar cerca de doze anos sob a insígnia da tradição sem, contudo, adquirir mais habilidade no manuseio lingüístico, as pessoas continuam acreditando que o ensino via tradição é eficiente. Como indica Neves (2002), as pessoas tornam-se desanimadas com a linguagem e se sentindo incapazes de se tornar um falante competente e, muito menos, escrever com desenvoltura, acreditando que o problema é

próprio e não do método. Talvez ainda acreditem que conhecer a descrição de uma língua será útil para melhorar seu desempenho lingüístico, não porque foram disso convencidas, mas, simplesmente, porque não conhecem nenhuma outra maneira.

O pensamento tradicional foi desmontado passo a passo no século que findou. O avanço dos estudos acerca da linguagem foi, paulatinamente, apresentando alternativas mais realistas para a compreensão dos fatos tanto da língua quanto da linguagem, do texto e, até mesmo, do discurso. A posição maniqueísta advinda das origens filosófico-religiosas da tradição gramatical greco-latina que consiste em compreender todos esses fatos sob o prisma de certo ou errado não se sustenta diante da apresentação de aspectos factuais da língua. As ciências da linguagem já demonstraram que a tradição não passa de um discurso cuja finalidade é manter e exercer domínio de algumas classes sociais sobre as demais.

Uma posição ontológica de equívoco da tradição e que permanece ainda hoje na base do pensamento educacional brasileiro é o de que oralidade e escrita seriam igualmente língua. A primeira publicação do *Curso* data de 1916, desde então toda uma vastidão de conhecimento se produziu, entretanto, no próprio *Curso de lingüística geral* Saussure já desfazia essa confusão. A língua é tão somente o depósito mnemônico de signos lingüísticos, de natureza social e psíquica, logo, tanto a oralidade quanto a escrita não seriam língua. Isso parece desnecessário de ser conhecido pelo público leigo, porém, seu desconhecimento seria o responsável por manter no ensino o mesmo pensamento de que não se tratam de três objetos distintos, mas de um apenas. Essa confusão, própria da idéia de que falar bem uma língua é falar como escreveram os autores clássicos, mistura o que seja língua com o que seja fala, texto e discurso, numa salada de objetos da linguagem capaz de provocar os mais sérios danos nos estudantes. Danos que, aliás, colhe-se à mão cheia nos exames de leitura.

O desenvolvimento do conhecimento acerca da linguagem precisa ser divulgado, sob pena de que o papel social das ciências da linguagem não esteja sendo cumprido a contento, caso não se divulguem os resultados ao público.

3.2 CONCLUSÃO

Diante de todo o questionamento epistemológico acerca das ciências da linguagem, faz-se necessário reler os autores fundadores desses estudos, com o intuito de dimensionar melhor todo o avanço realizado desde o início do século XX até agora.

Dessa maneira, será possível perceber o quanto já foi realizado e o quanto ainda há por realizar do que quer que sejam as tarefas da lingüística, isso para falar apenas dos estudos estritamente lingüísticos. Porém, há muito que se debater sobre os aspectos epistemológicos envolvidos no conjunto de pesquisas que se podem reunir sob a sigla de ciências da linguagem.

Um viés desse debate sobre a epistemologia dos estudos da linguagem passa pela compreensão da responsabilidade social e ética do pesquisador em linguagem. Não se deveria desenvolver nenhuma pesquisa sem refletir, a cada projeto, sobre seu valor para a totalidade dos estudos e para a sociedade em geral. Ademais, deveria ser um compromisso normal das ciências em geral a sua divulgação ao público leigo de forma acessível, para que a sociedade nem se aliene do que se está fazendo em termos de pesquisa, nem seja privada de possíveis benefícios que possa auferir dessas pesquisas, que, afinal, sempre custam alguma coisa à sociedade.

Finalmente, o ponto de partida, a definição de língua proposta por Saussure necessita ser revisitada. Uma obra tão densa quanto o *Curso de lingüística geral* não pode ser esquecida. Em ciências humanas nada é totalmente superado. A cada novo acréscimo, a releitura do passado favorece outros acréscimos ainda. Assim como a língua é uma herança não de uma geração para outra, mas de uma época para outra, o pensamento humano é uma herança não de uma época para a outra, mas um patrimônio histórico perene para a toda a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *Emile Durkheim*. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/durkheim.htm> Acesso em: 24/10/2007
2. GRANGER, Gilles Gaston. *A ciência e as ciências*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994.
3. HUMBOLDT, Guillermo de. *Guillermo de Humboldt y La filosofia Del lenguaje*. Madrid: Editorial Cremos, 1955.
4. MILANI, Sebastião Elias. *As idéias lingüísticas De Wilhelm Von Humboldt*. 179 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

5. MILANI, Sebastião Elias. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Lingüística*. 2000, 168 f. Tese (Doutorado em Lingüística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
6. NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria, análise e ensino*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
7. NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. 3ªed. São Paulo: Contexto, 1994.
8. OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. *O significado do significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
9. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.
10. WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da lingüística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.
11. WHITNEY, William Dwight. *La vita e lo sviluppo del linguaggio*. Trad. para o italiano de Francesco D'Ovidio. Milão: Rizzoli, 1990.
12. WHITNEY, William Dwight. *Whitney on language*. Editado por Michael Silverstein. Cambridge: The MIT Press, 1971.

RESUMO: Para se estabelecer como ciência, a lingüística necessitava definir seu objeto e obter um método que atendesse ao estudo desse objeto. O pesquisador suíço Ferdinand de Saussure, atento a essa necessidade e com uma enorme capacidade de ler e processar o conhecimento lingüístico da humanidade de então, final do século XIX e limiar do século XX, foi quem primeiro delimitou esse objeto, a língua, e municiou aos lingüistas de um método, o estruturalismo. O objetivo deste artigo é evidenciar a importância de se releer Saussure. Através da análise historiográfica e cronológica da obra *Curso de lingüística geral* (2002), de Saussure. Essa preocupação se justifica a partir da necessidade de constante reformulação e delimitação do objeto das investigações das ciências da linguagem. Devido ao grande desenvolvimento da disciplina lingüística no século passado, contando atualmente com uma infinidade de vertentes de pesquisa, faz-se necessário revisitar os teóricos que definiram as bases sobre as quais principiam a se fazer tais pesquisas, com o intuito de que se possam adequar quanto à delimitação do objeto de investigação consoante o acúmulo de conhecimento obtido. Essa é uma discussão epistemológica que necessita ser desenvolvida a fim de se buscar uma compreensão mais exata do objeto e do método de estudo, visto que o avanço teórico já não permite ver da mesma maneira as ciências da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: língua; Saussure; epistemologia; lingüística.

ABSTRACT: To establish the linguistics as science was needed to define his object and to obtain a method to assist to the study of that object. The Swiss researcher Ferdinand de Saussure, attentive to this need and with an enormous capacity to read and to process the humanity's linguistic knowledge on the final of the century XIX and threshold of the century XX, was who first it delimited that object, the language, and provided the linguists of a method, the structuralism. The objective of this research is to evidence the importance of reread Saussure. Through the historiographical and chronological analysis of the work *Course in General Linguistics* (2002), Saussure's work. Due to the great development of the linguistic discipline last century, possessing an infinity of differentiated areas of research now, it is necessary to review the theoretical ones that defined the bases in that the researches began, with the purpose of adapting the researches to a more appropriate delimitation of the study object according to the great volume of obtained knowledge. That is a epistemological discussion that needs to be developed in order to find a exact understanding of the object and of the study method, because the reached theoretical progress doesn't allow to see the sciences of the language in the same way.

KEYWORDS: language; Saussure; epistemology; linguistics.